

SISTEMA E ONTOLOGIA NA FILOSOFIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA (II)

# Sintomas e perda de corpo

## *Symptoms and Loss of Body*

\* Claudia Murta

**Resumo:** O sintoma como acontecimento de corpo é uma proposição de Jacques Lacan que se remete aos seus últimos anos de ensino e trata sobre os efeitos do trauma da língua sobre o corpo. Esses efeitos se apresentam como padecimentos ou adoecimentos corporais e são nomeados como afetos ou paixões. A ressonância do pensamento de René Descartes é evidente no contexto da elaboração lacanianiana do sintoma como acontecimento de corpo, tendo em vista que se fundamenta na distinção entre ter e ser um corpo. Trata-se de uma questão onto-génética sobre a ambiguidade do corpo em Descartes e Lacan: o corpo objeto – “ter um corpo” – e o corpo como re-significação da presença do ser no mundo. Para elucidação da proposta, o texto literário de Daniel Pennac, “Jornal de um corpo” é analisado.

**Palavras-chave:** Corpo. Trauma. Sintoma. Lacan. Descartes.

**Abstract:** The symptom as body event is a proposition from Jacques Lacan stemming from the later years of his teaching, which deals with the effects of language-based trauma on the body. These effects appear as bodily suffering or aching and are named affects or passions. The resonance with René Descartes’s thinking is obvious in the context of the Lacanian elaboration of the symptom as a body event. It is grounded in the distinction between having and being a body. As such, it is an ontogenetic question on the ambiguity of the body in Descartes and Lacan: the body object – “having a body” – and the body as a re-signification of the presence of being-in-the-world. To develop this idea, we analyze Daniel Pennac’s literary text, “Journal of a Body”.

**Keywords:** Body. Trauma. Symptom. Lacan. Descartes

\* Doutorado em Filosofia pela Université de Paris VIII e Pós-Doutorado em Filosofia na École Normale Supérieure de Lyon. Professora associada do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (Graduação e Mestrado). <[cmurta@terra.com.br](mailto:cmurta@terra.com.br)>.



## Acontecimento de corpo

**E**m nossa articulação sobre o sintoma, partimos da ideia proposta por Jacques Lacan, segundo a qual, “o sintoma é um acontecimento de corpo”. Essa definição do sintoma diz de um acontecimento como um discurso sem palavras que deixa efeitos de gozo no corpo; rastros discursivos no corpo que produzem sintomas. Tendo em vista que a Psicanálise opera com a palavra, trata-se de articular as relações possíveis da palavra com o corpo, pois quando não se articula com a palavra, o corpo humano adocece. Esse adoecimento, ou dito de outro modo, padecimento, é efeito das paixões que fazem o corpo padecer, sofrer por falta de uma melhor articulação entre real, simbólico e imaginário. O corpo sofre, padece, adocece e morre por falta de palavras que possam articular a relação do real com o simbólico.

Neste sentido, o sintoma como acontecimento de corpo se liga ao fato de que o corpo é algo que se tem – proposição cartesiana retomada por Lacan. Essa relação diz do fato que, ao possuir um corpo, o homem tem também sintomas, pois para ter sintomas é necessário ter um corpo. Algo que parece um simples efeito de palavra, mas a efetividade de se dizer possuidor de um corpo não é uma possibilidade para muitos – pois, antes de tudo, faz-se necessário encontrar as palavras para dizê-lo. Onde encontrá-las, senão nos sintomas que traçam o corpo. Segundo Lacan: “esse dizer, para que ele ressoe, para que ele consoe, .../..., é necessário que o corpo seja sensível ao mesmo” (2005 [1975-6], p. 17).

Ainda no Seminário sobre “O Sinthoma”, na sessão do dia 11 de maio de 1976, Lacan enuncia: “ter relação a seu próprio corpo como estrangeiro é, de fato, uma possibilidade. É bem aquilo que exprime o uso do verbo ter – o corpo, pode-se ter, não sê-lo em nenhum grau, e é o que faz crer na alma, à guisa de que se pensa ter uma alma, o que é o cúmulo” (LACAN, 2005[1975-6], p. 66). Quando Lacan enuncia que se pensar em ter uma alma é o cúmulo, ele segue claramente a linha cartesiana, diante da qual, o corpo não tem alma, não se pode ter uma alma, tendo em vista que à alma, segundo Descartes, só é legada a condição de ser – e é o que vem corroborar a distinção entre corpo e alma. A alma pode assegurar ao corpo a condição de ser. De forma alguma, no pensamento cartesiano, o corpo poderia, independentemente da alma, participar da condição de ser. É isso que afirma Lacan na citação do Seminário 23. Sobre esse ponto, em “Elementos de uma biologia lacaniana”, Jacques-Alain Miller comenta que:

Muitas vezes fiquei impressionado por Lacan fazer questão de que se dissesse que o homem ‘tem’ um corpo, e não que ele ‘é’ um corpo. Acredito ter entendido o porquê. É porque, para o homem, não se pode

fazer equivaler ser e corpo, enquanto que para o animal isso é possível. O sujeito não pode se identificar com o seu corpo, e é daí, precisamente, que vem a turgidez narcísica que atrapalha as suas relações com o mundo. Não podemos evitar o paradoxo do corpo vivo e falante (MILLER, 2000, p. 73).

O comentário de Miller esclarece que a insistência de Lacan para manter a ideia do uso do verbo ter vinculado à noção de corpo diz da impossibilidade de o homem poder ser um corpo. Para Descartes, o homem é a união de corpo e alma que acontece pela via das paixões que afetam o corpo e a alma em consequência desta união. A disposição de Lacan segue, então, a proposição de Descartes que, comentada por Alexandre Koyré, toma o seguinte formato: “eu tenho um corpo, mas eu não sou um corpo” (KOIRÉ, p. 227). Tal formulação é bastante elucidativa quanto à determinação de Descartes em não permitir uma relação direta entre algo que é da ordem do ser e o corpo. Para Koyré, essa distinção trata de uma descoberta genial de Descartes. A insistência de Lacan quanto ao fato de se ter e não ser um corpo aponta para a sua filiação cartesiana quanto à relação do sujeito com o corpo. A filiação lacaniana a uma teoria do sujeito perpassa a sua obra. Ainda na sessão de 11 de maio de 1976 de seu Seminário, Lacan acrescenta que “o homem diz do corpo que ele é seu. Ele acredita que o possui, como um móvel, o que não permite de modo algum definir um sujeito” (LACAN, 2005 [1976-77], p. 154). Essa afirmação confirma que o fato de se ter um corpo não garante a ordem do ser para o sujeito. No entanto, além de tal confirmação, essa frase aponta para uma crença no fato de se ter um corpo. Assim, o uso do termo crença denota que o fato de ter um corpo não pode ser uma certeza para o sujeito. Nesse ponto, quanto à questão da distinção entre sujeito e corpo, Lacan vai muito além de Descartes, tendo em vista que para Descartes ter um corpo é uma certeza, enquanto para Lacan é somente uma crença.

### “Jornal de um corpo”

Daniel Pennac escreve em 2012, um livro, sob o título “Jornal de um corpo”, por meio do qual podemos perceber uma versão da percussão ou entrada dos significantes no corpo, ao tratar do corpo e de suas surpresas. Em seu livro, o narrador, cujo nome não conhecemos, lega a sua filha, um jornal que escreveu durante toda sua vida, desde a idade tenra de 12 anos até a sua morte, aos 87 anos.

No livro, o autor do jornal demonstra como o corpo é um lugar de um gozo singular. Trata-se do jornal do corpo de um homem, corpo que ele define como “intimamente estrangeiro” (PENNAC, 2012, p. 93). A

relação de estranhamento do sujeito com o próprio corpo aponta para o distanciamento e a desarmonia apresentada entre sujeito e o seu corpo próprio. Essa estranha intimidade diz do sintoma como acontecimento de corpo. O corpo é sentido como algo estranho, inacessível simbolicamente, passível de paixões e, ao mesmo tempo é familiar, pois só ele nos faz sentir algo. O estranhamento do próprio corpo aponta para o real do corpo e, do mesmo modo, para o acontecimento das paixões, já que são elas que comandam a sensação de estranhamento. O jornal do seu corpo, legado a sua filha, é um recolhimento de estranhamentos do autor diante do próprio corpo. À sua filha, o narrador escreve:

Eis um presente póstumo do papai! ... nada além do meu corpo! Não meu corpo de carne e osso, mas o jornal que escrevi toda a minha vida. ... o jornal de meu corpo somente. ... nosso corpo se deixa esquecer. Mas cada vez que meu corpo se manifestou em minha mente, ele me encontrou com a caneta na mão, atento à surpresa do dia. (p. 11-13)

O narrador toma a opção de fazer calar os acontecimentos da vida cotidiana com exceção daqueles que concernem, de um modo ou de outro, o seu corpo. O jornal traça uma saída para as dificuldades com o seu corpo. A escrita do texto, que o mantém vivo, se constitui como um testemunho da percussão das palavras sobre o corpo. A caneta escreve o seu corpo em cada momento de padecimento apaixonado. É o corpo modelado pela escrita que o autor oferece à sua filha e ao leitor que pode seguir suas paixões e se enveredar por elas, conhecendo, junto com o autor, o seu corpo traçado pelo texto. A caneta presentifica o que na psicanálise se nomeia falo que marca e desenha esse corpo, pois o modela e lhe oferece condições de mundo. No Seminário 23, comentando sobre a escrita de Joyce, Lacan propõe que, para Joyce, “sua arte é a verdadeira testemunha de seu phallus” (p. 15). Nesse sentido, para o narrador do “Jornal de um corpo”, o ato de empunhar a caneta e escrever produz um discurso diante da falta de discurso do corpo e o situa no mundo, oferecendo-lhe um lugar e uma sustentação possíveis. Maravilhoso legado de um corpo, esse jornal.

A cena original do jornal, o trauma do qual ele surgiu, foi o terror de se imaginar devorado vivo por formigas em uma aventura de escoteiro na floresta quando tinha 12 anos. Ele e os colegas jogavam de pegar o lenço de escoteiro do adversário; seu lenço foi capturado e ele foi amarrado a uma árvore para não tentar retomar o jogo. Ele espera o resgate pacientemente até que avista uma formiga:

Uma formiga sobe pelo meu sapato, depois sobre minha perna nua à qual ela faz cócegas. Esta formiga solitária não terá razão de minha

razão. Nela mesma, eu a julgo, inofensiva... Quando a segunda formiga sobe no meu sapato, eu perco o controle de minha imaginação. Não é mais questão de picadas, eu vou ser recoberto por formigas e devorado vivo. ... Contudo, eu vejo bem que o formigueiro não se ocupa de mim, ele continua o seu trabalho, a se ocupar de seus inúmeros afazeres, que à parte essas duas formigas vagabundas, as outras que são, sem dúvida, milhões, me ignoram completamente, eu vejo, eu percebo, eu mesmo compreendo, mas é muito tarde, o terror é mais forte, o que me tomou não leva em conta a realidade, é meu corpo todo inteiro que expressa o terror de ser devorado vivo, terror concebido unicamente pelo meu espírito, sem cumplicidade das formigas. (p. 20-22)

Por causa desse acontecimento de corpo traumático, no qual ele não conseguia mais distinguir seus afetos, seu gozo e a realidade, o narrador decide escrever o jornal de seu corpo com o seguinte objetivo: “distinguir o corpo do espírito, proteger a partir de então meu corpo dos assaltos da minha imaginação, e minha imaginação contra as manifestações intempestivas do meu corpo” (p. 22).

É notável que o objetivo do “Jornal de um corpo” seja o mesmo do texto “Paixões da alma” de René Descartes, o qual é mister reproduzir. Quando Descartes apresenta “As paixões da alma”, ele indica o seguinte caminho de investigação: “não existe melhor caminho para chegar ao conhecimento de nossas paixões do que examinar a diferença que há entre a alma e o corpo, a fim de saber a qual dos dois se deve atribuir cada uma das funções existentes em nós”(DESCARTES, 1979a).

Na primeira parte do Tratado, Descartes apresenta o estudo das paixões deixando clara a diferença entre as paixões da alma e as paixões do corpo. Sua proposta não é de trabalhar com as paixões do corpo, mas sim, como aponta o título do Tratado, com “As Paixões da Alma”. Assim, as paixões do corpo ficam restritas ao campo da fisiologia e as paixões da alma se estendem ao campo do espírito. Tendo em vista a incerteza da elaboração do conhecimento no campo das paixões, Descartes propõe examiná-las a partir da distinção entre aquilo que na paixão é da ordem do corpo e aquilo que na paixão é da ordem da alma. A paixão é tudo o que, na alma, tem a própria alma como causa e o corpo como referência, ou seja, só a alma pode sentir; segundo Descartes, “o principal efeito de todas as paixões nos homens é que incitam e dispõem a sua alma a querer coisas para as quais elas lhes preparam os corpos” (DESCARTES, (2000 [1649]), p. 56). Nessa definição, a paixão aparece como índice da união íntima entre a alma e o corpo na medida em que a alma pode vir a querer o que cada corpo foi preparado pelas próprias paixões para oferecer.

No “Jornal de um corpo”, o narrador também escreve o texto para distinguir corpo do espírito a fim de proteger um, do outro: “assaltos do corpo sobre o espírito e do espírito sobre o corpo”. Esses assaltos são as paixões ou afetos, no sentido que afetam o corpo e a alma. A primeira paixão com a qual ele se deparou foi o medo. Quando ele começa a escrever o jornal, no dia seguinte ao acontecimento de corpo, o episódio das formigas, ele inicia assim: “eu não terei mais medo, eu não terei mais medo, eu não terei mais medo, eu não terei mais medo” (p. 25). O objetivo maior do “jornal de um corpo” é lidar com as paixões, ou na linguagem lacaniana, acontecimentos de corpo. Para tanto, o texto escrito é o seu corpo. Como ele anuncia inicialmente para sua filha. A metodologia de trabalho é: a cada manifestação do corpo, a caneta se encontra à mão para que ele escreva o seu próprio corpo. O narrador se propõe a escrever suas manifestações de gozo para não se deixar dominar pela única forma que, antes do jornal, encontra de lidar com o corpo – a imaginação. Ele anuncia claramente no seu objetivo que não quer usar a imaginação para lidar com o corpo. Esse é outro ponto muito importante, pois tanto para Descartes, e mesmo para Lacan, a imaginação é a única forma de o espírito se relacionar com o corpo.

No texto das “Meditações”, Descartes inicia a prova da existência do corpo a partir da imaginação:

... imaginando, ele [o espírito] se volta para o corpo, e considera algo conforme a ideia que ele formou de si mesmo ou que ele recebeu dos sentidos. Eu concebo, digo, facilmente, que a imaginação pode fazer isso se é verdade que existem corpos (DESCARTES, 1979b [1647], p. 179).

Nessa passagem, quando anuncia que, ao imaginar, o espírito se volta para o corpo, Descartes esclarece que é a imaginação que permite a relação com o corpo, já que “a imaginação se volta para o corpo” e, nesse sentido, inclui o corpo no gozo. Já para Lacan na sessão de 13 de janeiro de 1976, do Seminário “O Sinthoma”, o falante:

adora seu corpo. Ele o adora por crer que o tem. Na realidade ele não o tem. Mas seu corpo é sua única consistência, mental bem entendido. Seu corpo desaparece a todo instante. É muito milagroso que ele subsista durante tanto tempo, o tempo desta consumação que é de fato, do fato de o dizer, inexorável, nisso que nada acontece porque ela não é reabsorvente. É um fato constatado mesmo nos animais, o corpo não se evapora, ele é consistente. E é o que ele é, para a mentalidade, antipática, unicamente porque ela, ela acredita, ter um corpo a adorar. É a raiz do imaginário (LACAN, 2005 [1976-77], p. 66).

Desse modo, para Lacan, a única maneira de um sujeito ter um corpo se mostra pela via do imaginário. Como o sujeito só pode ter um corpo a partir do pensamento imaginário, de sua imaginação, na realidade ele não o tem. É pelo fato de possuí-lo apenas mentalmente que o sujeito pode perder seu corpo. Para Lacan, o fato de o humano ter um corpo é um problema, pois o seu corpo não é uma evidência primeira. O humano tem dificuldade com o seu corpo e, ao mesmo tempo, esse corpo o cativa. Nas palavras de Lacan já citadas, “o ser falante adora o seu corpo ...” e, ao mesmo tempo, o perde a todo instante. Assim, algo tem que articular o corpo e a perda do corpo. A imagem é a solução, pois ela encobre a falta de articulação entre corpo e espírito. No Seminário 23, ao falar da ex-sistência e da consistência do corpo, Lacan propõe devemos mantê-las como da ordem do real, pois, em suas palavras, “o imaginário mostra aqui sua homogeneidade com o real” (p. 18).

Um problema de articulação entre o corpo e o espírito é o que o narrador do *Jornal* deixa claro em sua vivência anterior à produção do jornal. Ele foi “uma criança nascida de uma agonia” (p. 51), a agonia de um pai terminal e de uma mãe autoritária. A mãe esperava de seu nascimento, a condição de vida para o pai condenado à morte. Contudo, esse nascimento não livra o pai de sua condição terminal e a mãe se desinteressa pelos dois – pai e filho; quanto ao pai, a mãe o despreza por apontar com sua própria vida, a condição humana mortal e, quanto ao filho, a mãe o ignora por não ter conseguido evitar, com seu próprio nascimento, a premência da morte paterna. A mãe os trata, a ele e a seu pai, como fantasmas. Ele recebe de sua mãe um tratamento pior ainda que aquele dedicado ao pai; este é considerado por ela como um fantasma, enquanto ele, por sua vez, recebe a importância da sombra de um fantasma. Por conta dessa relação com a mãe ele, ainda menino, se recusava a se olhar no espelho, pois tal ato presentificava o desejo ambíguo e mortífero da sua mãe. Não se olhar era uma barreira de proteção contra o horror do real do corpo voltado para a morte, já que ele era uma criança nascida da agonia da morte premente do pai. Graças ao olhar amoroso de sua babá, ele deixa de ser a sombra do fantasma do pai e, junto com a babá e seu pai, passa a ser o corpo do Outro. Diante do espelho, exclama:

Eu me vi ! EU ME VI ! Era como se eu me olhasse pela primeira vez. Eu fiquei muito tempo diante do espelho. Não era verdadeiramente eu no interior. Era meu corpo, mas não era eu. ... É verdade que meu reflexo me apareceu como uma criança abandonada no armário do espelho (p. 29)...

... Meu corpo é também o corpo de Violeta. O odor de Violeta é como minha segunda pele. Meu corpo é também o corpo de papai, ... Nosso corpo é também o corpo dos outros. (p. 42)



A identificação ao pai marca esse sujeito e o insere na subjetividade histórica. O sujeito, a partir do momento em que é sujeito do significante, não se identifica ao seu corpo, por que se identifica ao significante. Esse defeito de identificação corporal se traduz no sentimento de estranheza e alheamento que se tem do corpo. O narrador se recusa a se olhar no espelho e recusa a ver seu corpo. Segundo Lacan, esse corpo doente se recusa a obedecer ao significante que organiza a sua identificação. Essa recusa pode levar ao que chamamos de perda de corpo. Não que um sujeito vá sair por aí sem o seu corpo, mas perda de corpo no sentido do alheamento que se tem do corpo. No caso da histeria, a recusa está na base dessa sensação de estranheza e alheamento que chamamos perda de corpo, por isso Lacan comenta que a histeria não exige o corpo a corpo. Em suas palavras: “o sintoma histórico, eu resumo, é o sintoma para LOM de se interessar ao sintoma do outro como tal: que não exige o corpo a corpo” (p. 101). Sendo assim, o sujeito histórico se manifesta como o sintoma do corpo do Outro. Por isso que o autor, o seu pai e Violeta, sua babá, faziam um único corpo via identificação. Essa é uma versão da entrada do significante no corpo.

Na histeria, os desajustes com o corpo se encontram enquadrados pela castração no campo da neurose; na psicose percebe-se o infinito da falha do limite. Para Lacan, o fato de o sujeito poder ter um corpo é apenas um efeito consistente de sua imaginação, pois se o imaginário não mantém a consistência do corpo, este pode ser perdido. Assim, para poder perder um corpo é necessário, antes, ter um corpo. Na psicose, muitas são as maneiras de enlaçar o corpo quando não conta com esse apoio.

Quando, no “Jornal de um corpo”, o narrador se propõe a escrever, ele quer sair da referência exclusiva da imagem para a relação com o seu corpo. Pois, a imagem se esvai a qualquer instante e a escrita resta mesmo após a sua morte. Seu corpo construído em forma de texto foi o legado para a sua filha. Segundo Lacan, o corpo fala e enquanto fala, goza pela incorporação do dizer silencioso da pulsão. Portanto, é o gozo que fala com o corpo sem que o sujeito saiba. Em uma análise trata-se do sujeito saber ler, decifrar esses efeitos, reduzir os acontecimentos que traçaram seus sintomas e a inadequação do simbólico ao real. O final de uma análise lacaniana visa algo que já estava escrito, visa permitir a irrupção inesperada de um significante primeiro recalcado que aloja a letra do sinthoma e conduz a encontrar este ponto de gozo original, o gozo primeiro. Assim, no final da análise o corpo vivo que goza é identificado com a letra de gozo do sinthoma. Trata-se de um dizer novo que se enlaça ao real para constituir e dar consistência ao corpo. É a proposta apresentada no “Jornal de um corpo”, no qual se escreve:



Eu pensei bem. Se eu descrevo *exatamente* tudo o que eu sinto, meu jornal será um *embaixador* entre meu espírito e meu corpo. Ele será o *tradutor* das minhas sensações. (p. 32)

Segundo Miller, a proposta lacaniana do significante como causa de gozo aponta para a perspectiva de uma clínica do sintoma como acontecimento de corpo. Essa definição faz impasse sobre todos os tipos de sintoma já que ela dispõe o sintoma como gozo condicionado no corpo. Em suas palavras: “eis aí o que está no horizonte do que eu nomeio ‘biologia lacaniana’: a retomada da sintomatologia a partir do acontecimento de corpo” (MILLER, 2000, p. 18). A definição do sintoma como acontecimento de corpo proposta por Miller segue a proposição de orientação lacaniana segundo a qual, o sintoma é gozo.

O efeito corporal do significante entrando no corpo não é um efeito semântico de significação, palavras que marcam o corpo como efeito de gozo. Efeito de um sujeito situado em um corpo a partir de traços. Seguindo a leitura proposta por Miller do texto lacaniano, “a afetação essencial, é a afetação traçante da língua sobre o corpo” (MILLER, p. 47) Assim, o acontecimento fundamental de corpo é a incidência da língua sobre o corpo. É a partir desse encontro com o significante que o gozo pode ser dito e ter sua parte de existência. Segundo Lacan: “o significante é a causa do gozo. Sem o significante, como mesmo abordar essa parte do corpo? Como, sem o significante, centrar esse algo que, do gozo, é a causa material?... /... o significante é aquilo que para o gozo” (LACAN, 1975 [1972-73], p. 27).

Como nos explicita Lacan, o significante é causa do gozo, pois é apenas a partir do seu encontro que o gozo pode existir. Se não existisse o significante, não seria possível falar de gozo. Os traços de gozo no corpo são os sintomas e os afetos.

Sendo o acontecimento de corpo da ordem dos acontecimentos discursivos que deixaram rastros no corpo que o perturbam e produzem sintomas, como solução para esse problema, em final de análise, Lacan propõe um saber fazer com o próprio sintoma. Esse gozo se reduz e se isola conduzindo o ser falante, ou falasser, como propõe Lacan, a um manejo mais satisfatório dessa parte opaca do sintoma. Para um sujeito neurótico, atingir o real do sintoma até reduzi-lo ao significante primeiro que o causou, não é fácil, pois o sujeito se apresenta inicialmente envolvido com as suas identificações das quais ele deve se extrair para advir, inicialmente como sujeito do desejo, em seguida para se reencontrar como corpo afetado pelo gozo.

## O real impossível do corpo

No meio do texto, no meio de sua existência, aos 50 anos, o autor do jornal escreve:

Se eu devesse tornar esse jornal publico, eu o destinaria inicialmente às mulheres. Em troca, eu gostaria de ler o jornal que uma mulher tivesse escrito sobre o seu corpo. História de levantar um pouco de mistério. Em que consiste o mistério? Nisso por exemplo que um homem ignora tudo do que sente uma mulher quanto à forma e ao peso dos seus seios, e que as mulheres não sabem nada do que sentem os homens quanto ao estorvo de seu sexo. (p. 229)

Nada mais lacaniano do que essa proposição, pois a grande contribuição do ensino de Lacan, nos anos 70, evidencia que “a relação sexual é impossível”. Encontramos no impasse da relação sexual o testemunho dos nossos tropeços, porque não há significantes que escrevam a relação entre um homem e uma mulher. Que não há relação sexual, “relação aqui, que possa pôr-se em escrita” (LACAN, 2003 [1973], p. 314). Alain Badiou, em seu texto “Formules de l’Étourdit”, ao comentar a proposição lacaniana “não há relação sexual” postula que esta proposição constitui todo o real do inconsciente, o real como impossível, o impossível da relação sexual.

Aos 50 anos, o autor se pergunta sobre o que poderia ser um jornal do corpo de uma mulher. Se, nesse momento de sua vida, ele possui alguma intimidade com seu próprio corpo, do corpo de uma mulher, ele não pode nada saber, mas para tanto, convoca sua leitora a escrever seu próprio jornal e partilhar um pouco da intimidade de seu corpo de mulher. O estorvo dele não é o mesmo embaraço dela; o peso dos seus seios, a dilatação de sua vagina, o crescimento de seu útero, a mobilidade de seus ovários não são da mesma ordem que, como diz o narrador, o seu estorvo com o próprio sexo. Há um impossível na comunicação entre eles que apenas se encontram no estranhamento manifestado em sintomas apaixonados que os fazem padecer nos limites seus próprios corpos.

## Referências

BADIOU, A.; CASSIN, B. *Il n’y a pas de rapport sexuel: deux leçons sur L’Étourdit* de Lacan. Paris: Fayard, 2010.

DESCARTES, R. *O discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural, 1979a.

\_\_\_\_\_. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1979b.

DESCARTES, R. *As paixões da alma*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

KOYRE, A. *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

LACAN, J. *Le seminaire livre XX – Encore*. Paris: Seuil, 1975.

\_\_\_\_\_. *Le seminaire livre XXIII – Le Sinthome*. Paris: Seuil, 2005.

MILLER, J.-A. "A Propósito dos Afetos na Experiência Analítica". In: *As paixões do ser: amor, ódio e ignorância*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 1998.

\_\_\_\_\_. "Biologia lacaniana". In: *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo: Eólia, n. 41, dez. 2004.

\_\_\_\_\_. *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan. O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PENNAC, D. *Journal d'un corps*. Paris: Gallimard, 2012.

**Endereço postal:**

Programa de Pós-Graduação em Filosofia  
Universidade Federal do Espírito Santo/CCHN  
Av. Fernando Ferrari, 514 – Campus Universitário Goiabeiras  
29075-910 Vitória, ES, Brasil

Data de recebimento: 01/03/2014

Data de aceite: 15/05/2014